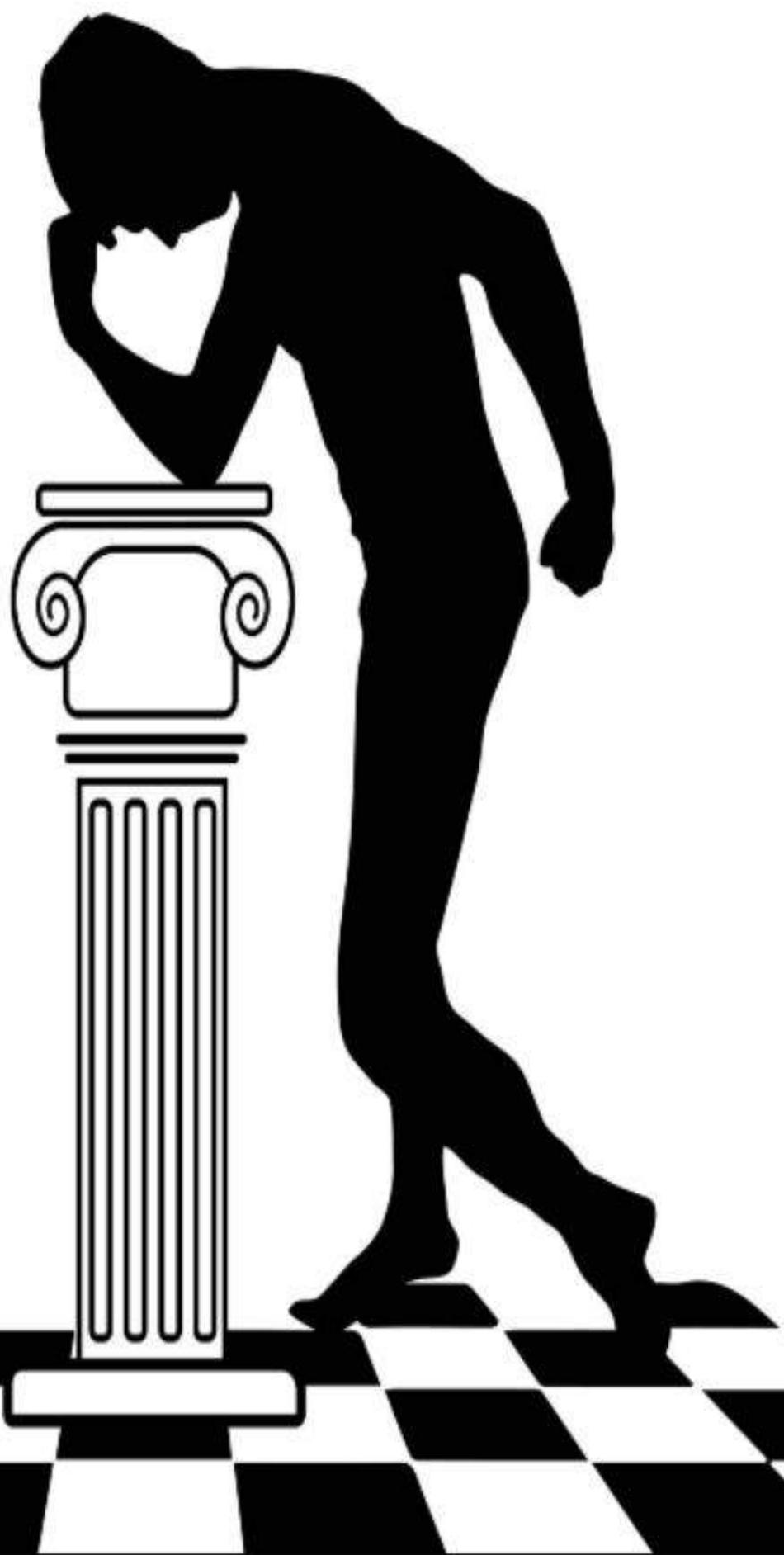


Lições de Vida



DIVERSOS AUTORES

Lições de Vida

Arranjos

VALDEMAR F. RIBEIRO

Ficha Técnica

Título: Lições de Vida

Autor: Diversos Autores

Editora Digital: "ÁGUA PRECIOSA"

Texto: Verdana 12

Capa: Valdemar F. Ribeiro

Lubango, 2022

Índice

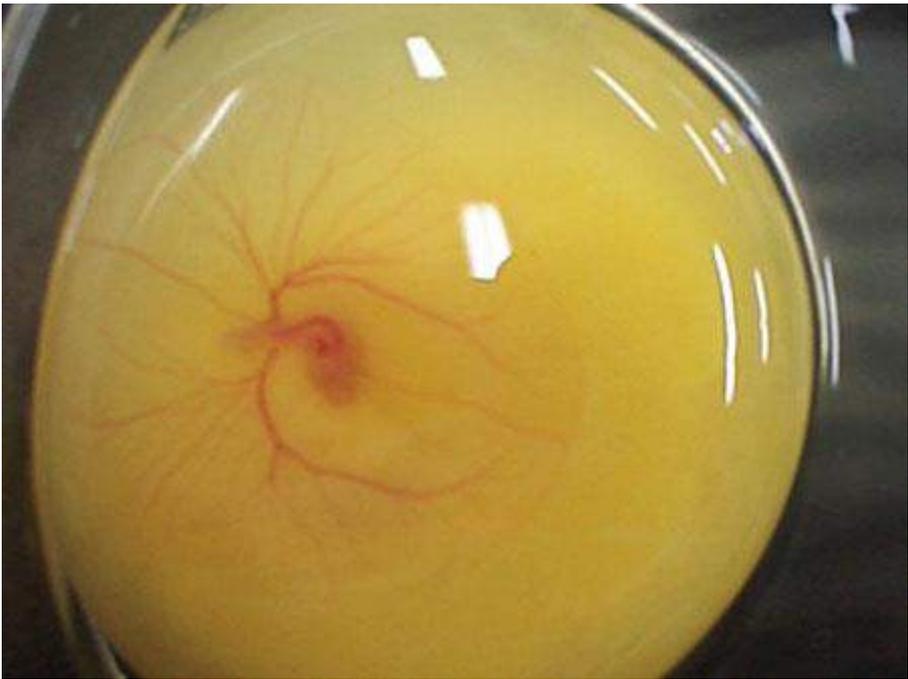
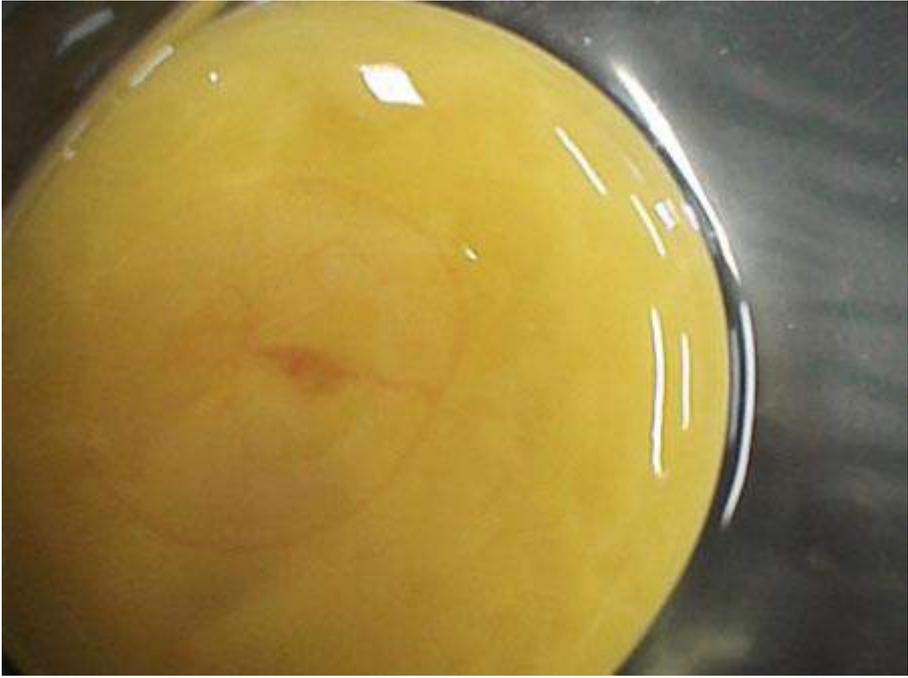
O ESPETACULAR MILAGRE DO OVO, À GALINHA	6
UMA VERDADEIRA HISTÓRIA DE TRAGÉDIA E AMOR	16
PORQUE TITULEI ESTA HISTÓRIA DE TRAGÉDIA E AMOR?	18
BOM NATAL – 2008/2009	22
TEMPO QUE FOGE!	24
ROBINSON CRUSOÉ.....	26
A LÓGICA DE EINSTEIN.....	28
PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES	29
FRAGMENTOS DE MIM.....	30
DISCURSO DO CIENTISTA TOMÁS EDISON	32
O MUNDO, COMO UM UNICÓRNIO	34
RIFA DE UM BURRO MORTO	36
MENSAGEM DO CHEFE INDÍO "SEATTLE"	37
DISCURSO DE "GOG"	41
"A BOLSA E OS MACACOS"	47
MENSAGEM DO CIENTISTA TOMÁS EDISON	48
MAHATMA GANDHI	50
PALCO DA VIDA	51
QUASE VIDA	53

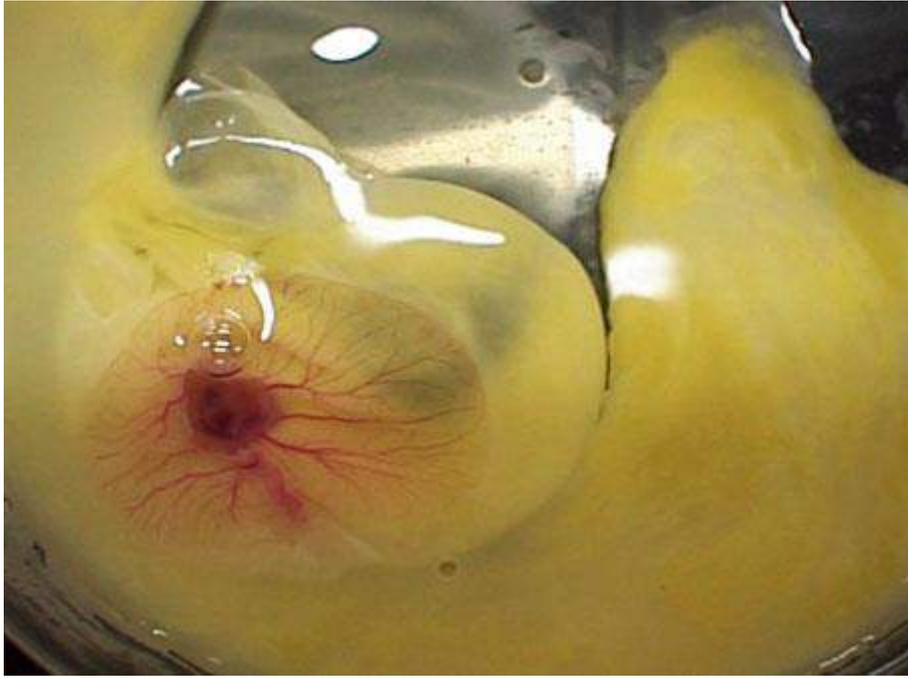
01 O espetacular milagre

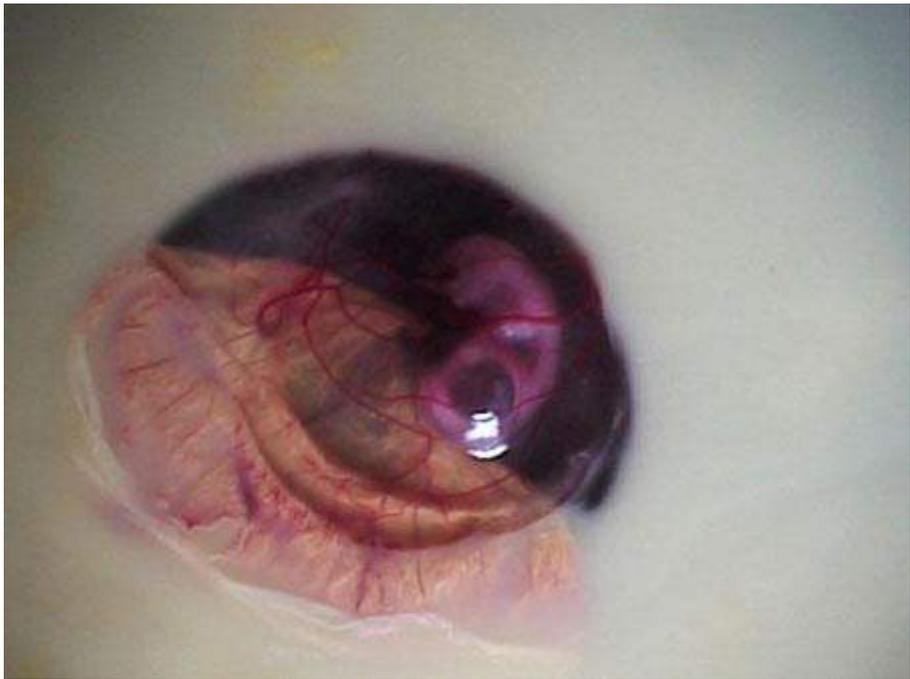
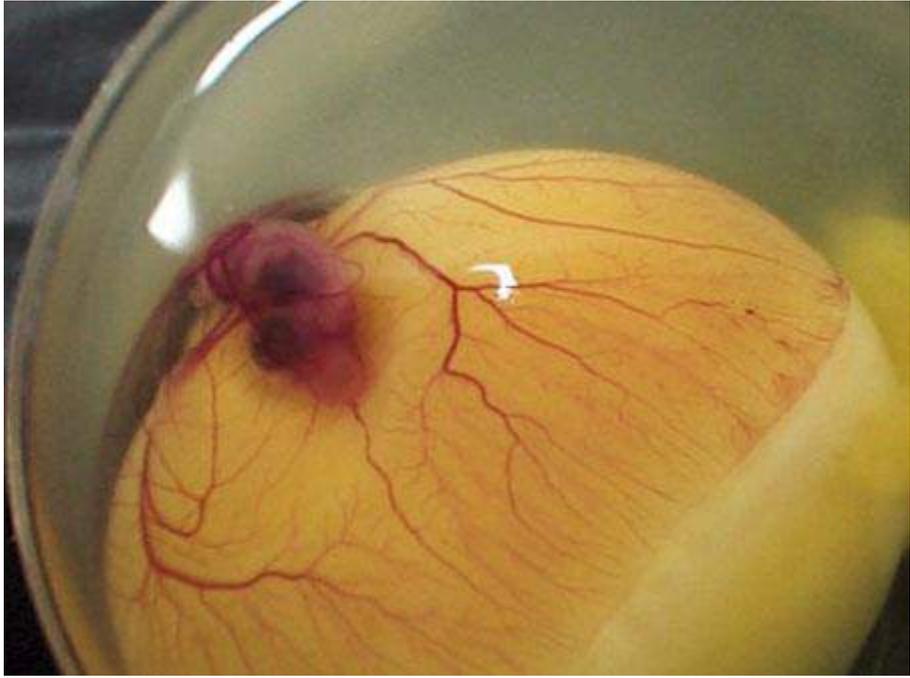
Do ovo, à Galinha

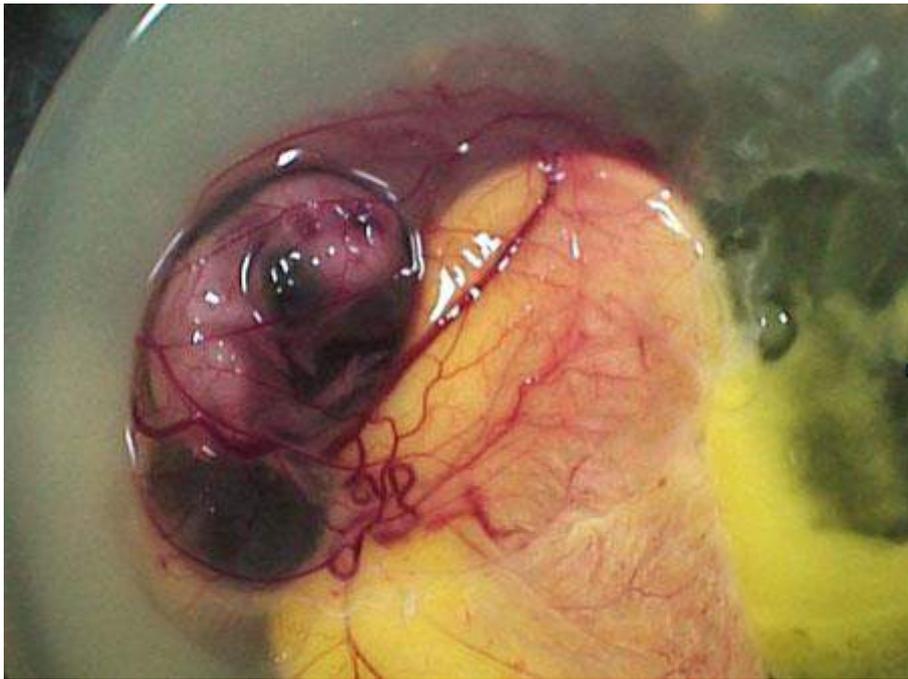
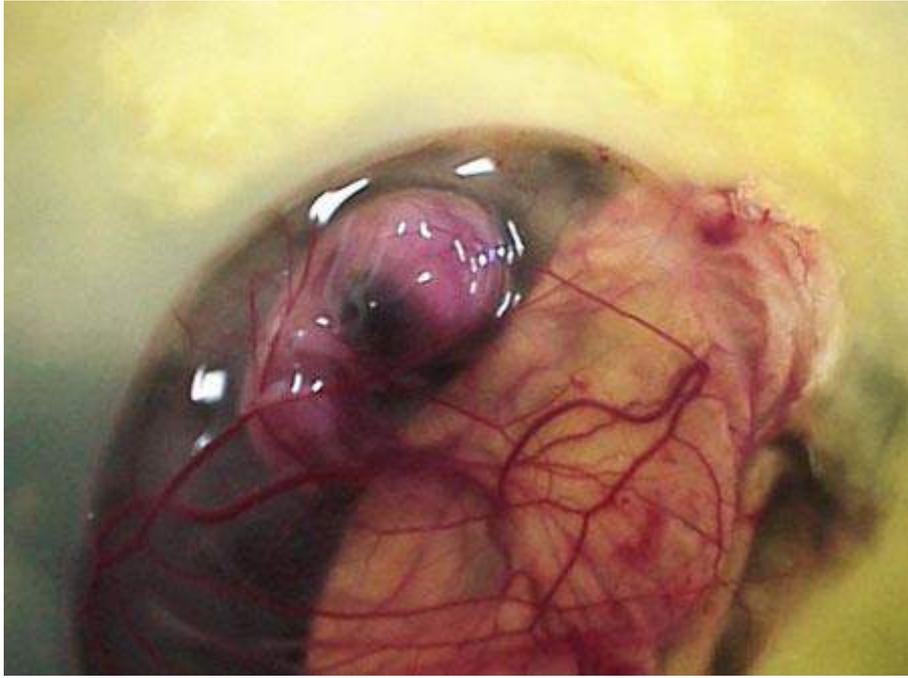
***Feliz Semana
Paulo Felizardo***

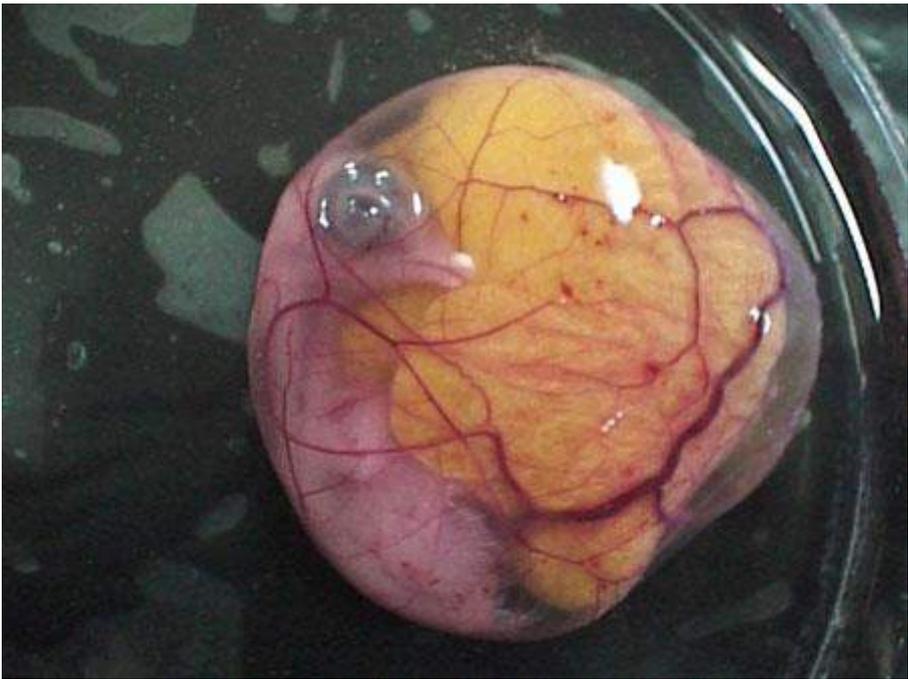
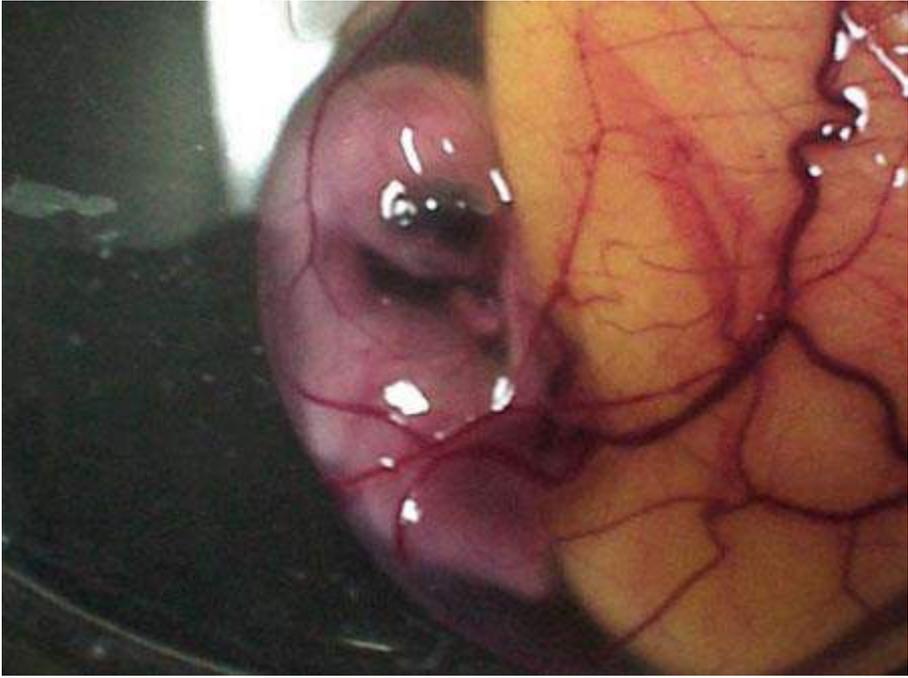


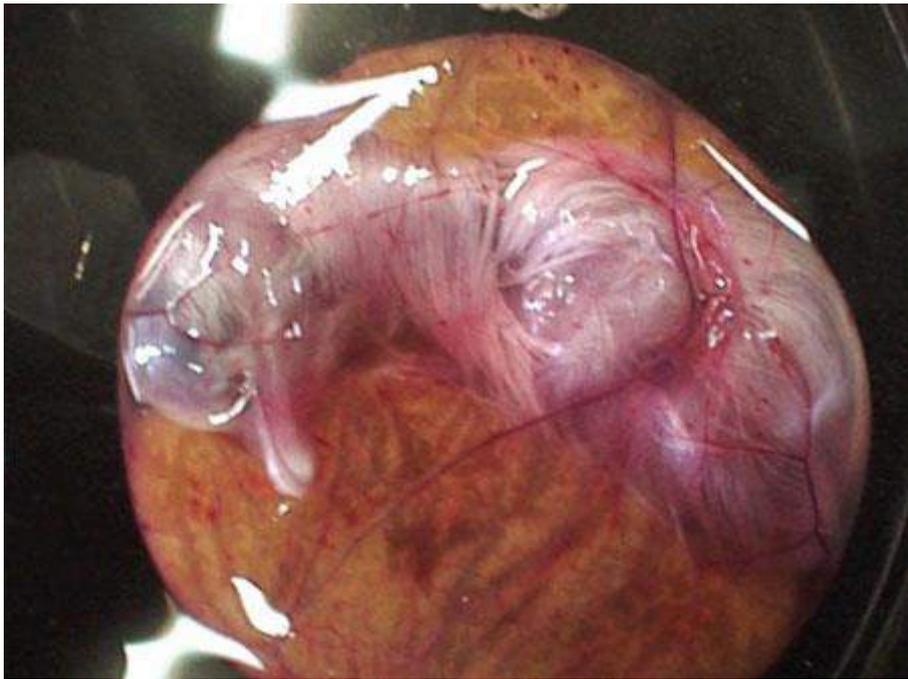


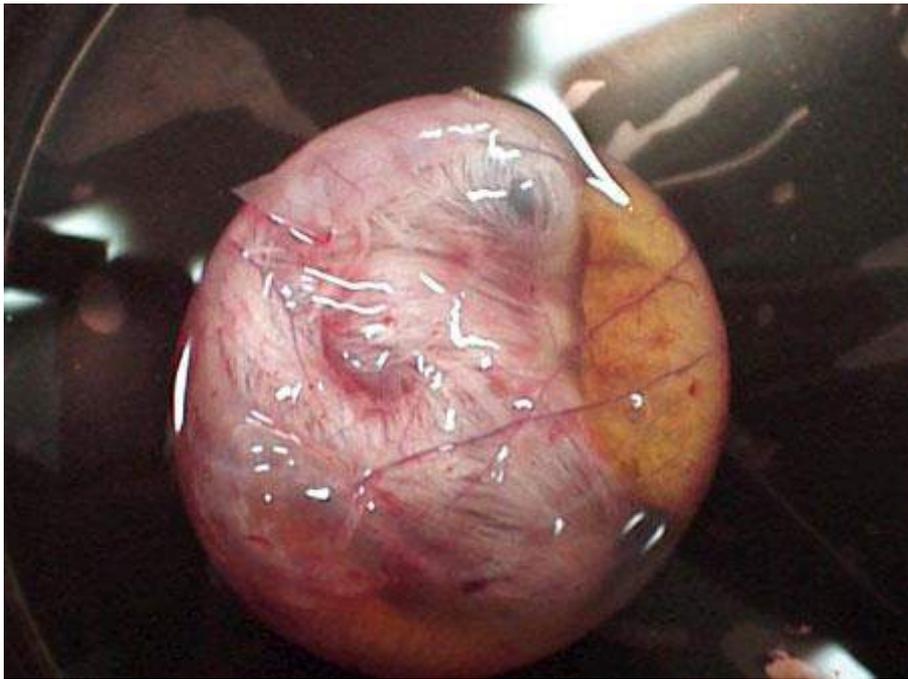
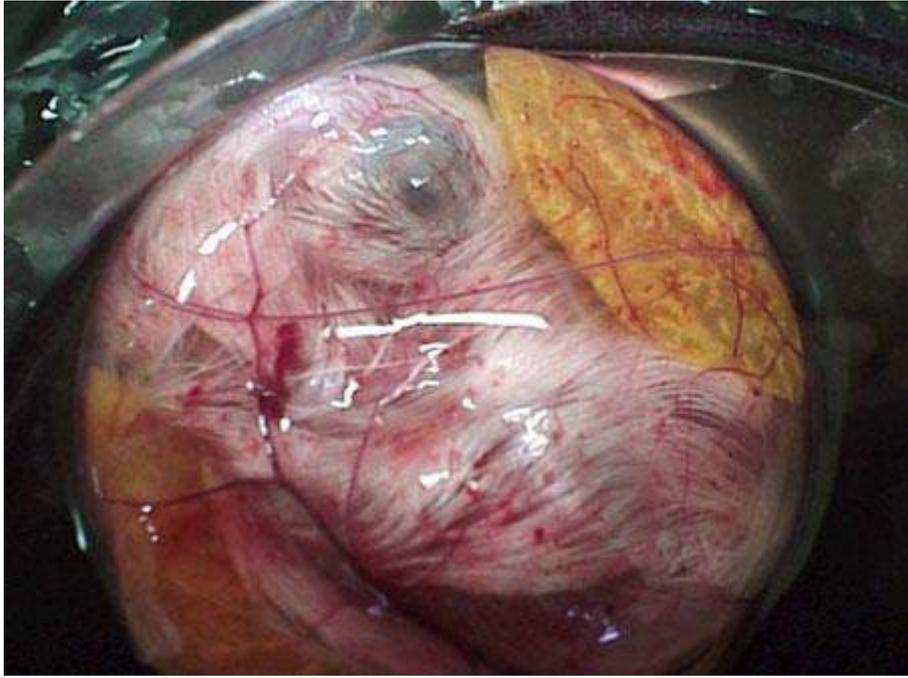


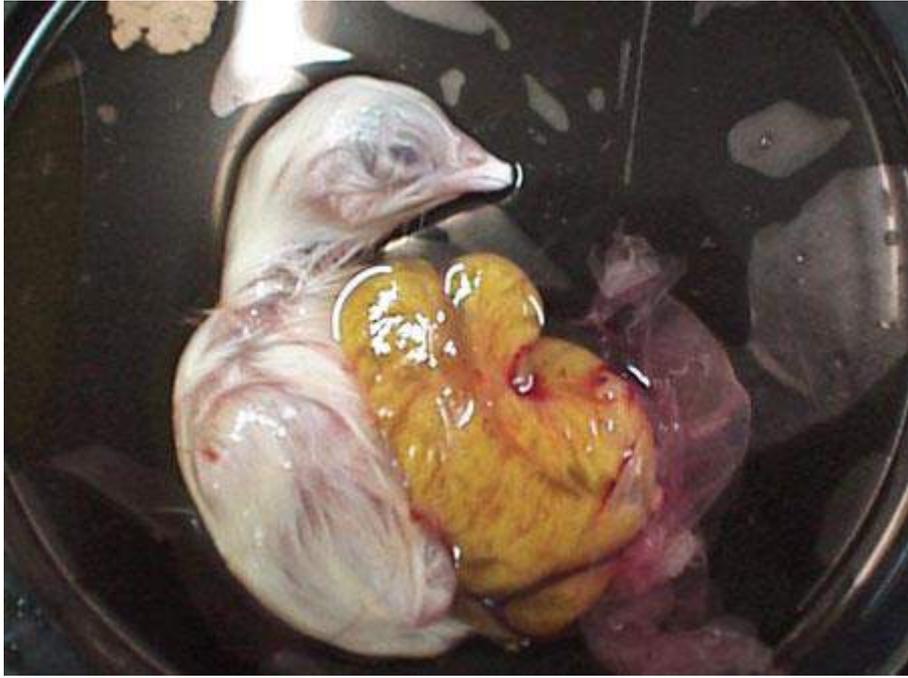














02 UMA VERDADEIRA HISTÓRIA DE TRAGÉDIA E AMOR

A IMPORTÂNCIA DA ATITUDE

Valdemar, estou lhe enviando minha história após haver lido sua carta no Jornal de Angola sobre suas reflexões e um artigo na revista Planeta do mês de junho de 2006 referente aos atletas da mente e a capa da revista Time no ano 2003 com a intenção de que a espalhe, para poder ajudar a muitos outros que perderam a esperança. Um abraço. (09/07/2006)

Triatleta, do corpo e da mente, vice-campeão argentino em minha categoria, salva-vidas, pertença à Cruz Vermelha, cavaquista, treinador de windsurf, treinador de esqui aquático e persona traine.

Um esportista com uma filosofia de vida similar a budista, dedicado ao esporte e em ajudar ao próximo, vivia uma vida harmoniosa e equilibrada entre o trabalho e o esporte, até que no dia 29 de dezembro do ano 2004, um dia como qualquer outro, às 18h, contrariamente ao que sempre disse para amigos e familiares sobre não viajar em moto-táxi, decidi pela primeira vez viajar num um e este foi o começo desta minha história sem fim.

Faltavam quase 200 metros para chegar em minha casa, em Cabeçadas, bairro de Itajaí, Santa Catarina, sul do Brasil, onde vivia, quando Rosalino Mansueto Salvador, um rapaz que conduzia sua camioneta Land Rover 4 x 4, a 80 km por hora de velocidade, não respeitou a placa de "PARE" e passou por cima de mim roubando o meu precioso presente e acabando com meus sonhos futuros.

A rapidez do corpo de bombeiros de Itajaí foi quase imediata, pelo que me contam, pois perdi a memória durante 15 dias.

Desgraçadamente me levaram ao hospital Marieta, em Itajaí, aonde fui muito maltratado e me operaram tão mal que o próprio cirurgião exclamou: "por Deus, o que eu fiz !??" e logo em seguida ainda contraí uma infecção hospitalar.

Estive agonizando na UTI por 10 dias, recebi três extremas unções e quando me iam amputar a perna direita, minha companheira junto com meu filho, que viajou especialmente da argentina, me resgataram e não deixaram operar.

Levaram-me à cidade de Curitiba e aí começou uma verdadeira luta, ajudado por verdadeiros profissionais médicos, para salvar minha vida e a perna direita.

Os médicos tiveram que desfazer o desastre que haviam feito comigo no hospital Marieta e fizeram uma série de cirurgias complicadas por causa da infecção hospitalar e que até hoje ainda está complicando e atrasando meu processo de recuperação física.

Até agora já fui operado sete vezes, em quatro cirurgias corri verdadeiro risco de morte e a última durou doze horas e realmente quase foi a última.

Perdi mais do 80 % de sangue, mas aqui estou contando minha história diante do assombro da equipe médica e que, segundo eles, nunca vivenciaram uma experiência destas em toda sua carreira.

03 PORQUE TITULEI ESTA HISTÓRIA DE TRAGÉDIA E AMOR?

Dez dias antes do acidente havia recomeçado um relacionamento amoroso que no passado terminou por razões insignificantes e mal resolvidas e que, com um simples esclarecimento depois de 15 meses, se solucionou.

Era o começo de um relacionamento onde tudo deveria ser alegria e novidade, mas o nosso começou com esta tragédia.

Naiara, uma linda negra, cheia de vida, mas sem nenhum tipo de obrigação para comigo, tendo em conta os poucos dias de ter reiniciado nosso antigo relacionamento, se transformou no principal motivo de minha recuperação e de minha vida.

No início, como trabalhava, viajava aos fins de semana até Curitiba para me visitar.

Eu estava tetraplégico, não movia absolutamente nada, os enfermeiros me mudavam de posição na cama, trocavam-me as fraldas, banhavam-me e davam-me de comer na boca, etc.

Eu vegetava e a única coisa em que pensava era a maneira de acabar com minha própria vida, mas como? Não podia me mexer, estava totalmente só nesta ideia e os amigos não apareceram.

Estava num quarto de hospital, em uma cidade que não conhecia ninguém, mas com excelentes profissionais e lutava entre a vida e a morte.

Diante deste quadro de desesperança, sofrimento, minha amada resolveu renunciar a seu trabalho temporariamente, contra as opiniões de conhecidos e amigos que lhe diziam que ela estava louca, que sendo ela jovem e bonita não desperdiçasse sua vida por um relacionamento que não teria esperança alguma e que ia ter que cuidar de um paraplégico atrapalhando sua vida mas ela seguiu a voz do seu coração, se internou neste hospital durante quatro meses ao meu lado dando-me muito amor e sábias palavras de carinho.

Era a única pessoa que sempre acreditou em minha recuperação pois os médicos, familiares e conhecidos não me deram muitas esperanças.

Experimentaram em mm todos os tipos de remédios para tentarem acalmar as terríveis dores que eu sofria durante as 24 h.

Nada dava certo e a única coisa que me acalmava minhas dores eram os abraços de minha amada transmitindo energia positiva.

Minha amada deitava-se na cama comigo durante horas, me envolvia em seus poderosos e fortes braços, abraços que eu não conseguia corresponder.

Com toda ternura e doçura me sussurrava ao ouvido palavras de carinho, rezava por mm e me dizia que eu ia conseguir recuperar.

Enquanto ela estava em contacto físico comigo, as dores desapareciam como por passe de mágica, mas evidentemente não podia ficar abraçada durante muitas horas seguidas, mas isso me poupou muitas horas de sofrimento, mas nunca em minha vida chorei tanto.

Juntos durante 24 h, todos os dias, tentávamos reverter esta situação, mas teria que tomar uma decisão final sobre esta minha difícil situação, ou decidia viver ou morrer, mas como tinha minha amada junto de mm, decidi o caminho mais inteligente que era viver.

Juntei todas as minhas forças, conhecimentos e experiências de treinamentos antes desta situação e tentei salvar-me.

Aí começou uma luta indescritível de força de bondade, atitude positiva, criatividade, força espiritual, força mental, técnicas de meditação, concentração e desejos de não morrer.

Todos os dias olhava fixamente para a minha mão direita e ordenava para se movimentar, todos os dias tentava isso utilizando a técnica da meditação, até que um dia descobri a neuro plasticidade, o termo refere-se á capacidade de o cérebro mudar sua estrutura e funcionamento dos circuitos neuronais, expandindo e fortalecendo novos neurónios e enquanto os não usados enfraquecem.

Minha atitude de pessoa resiliente ajudou muito pois isto significou a capacidade de superação das adversidades da vida transformando a dor e sofrimento em força e adaptabilidade, superando as mais sérias dificuldades.

A resiliência é um tipo de inteligência única que se manifesta de múltiplas maneiras: a inteligência resiliente engloba todas as outras formas de inteligência humana conhecidas, a visual-espacial, a

auditivo-musical, a corporal, a intrapessoal e a interpessoal, a verbal-linguística, a naturalista, a lógico-matemática e a emocional.

A inteligência resiliente é essencial para a preservação da vida quando esta se encontra ameaçada em situações de violência e toda a sorte de privações.

Mas para além disso, a inteligência resiliente também faz frente às tensões existenciais e desejos profundos do humano podendo tornar-se fonte de optimismo, confiança, determinação, motivação férrea, idealismo e elevada autoestima, a mesma autoestima que me fez conquistar o amor de minha companheira.

A palavra resiliência vem do latim *resilirei*, que significa saltar por cima, afastar-se, desviar-se e este conceito define o conjunto de forças vitais, organizadoras e inconscientes, que nutrem as pessoas e as protegem não deixando sucumbir nos momentos de graves crises emocionais e refere-se ao que se pode chamar de destino criativo ou uma espécie de inteligência superior.

A enormidade de sofrimento do desamparo, as ausências de esperança de qualquer ajuda exterior impelem para a morte, mas, após a perda ou o abandono do pensamento consciente, os instintos vitais organizadores são despertados e identificados como resilientes.

Pela primeira vez, consegui mexer um milímetro de meu dedo indicador, ninguém podia crer, mas era o princípio de uma nova etapa inesperada e pensei: se mexo um pouquinho este dedo e vou vencer.

Chamamos com urgência um fisioterapeuta do hospital para então começar esta nova luta.

Textualmente, pedi que confiasse em mim e não me tratasse como um mortal a mais pois eu era um triatleta e que me tratasse como tal e o terapeuta me olhou surpreso.

Pedi-lhe que uníssemos nossas experiências e confiássemos um no outro e que juntos conseguiríamos vencer esta minha situação.

Começamos este treinamento de recuperação nada convencional para os padrões de alguém em meu estado às 2 horas da manhã e às 2 h de tarde, todos os dias, com exercícios diferenciados, para mover os membros atrofiados que estavam sem força alguma.

No princípio o terapeuta me levantava apenas os braços e pernas e diante do assombro de outros profissionais que consideravam isto um

esforço perdido, fomos progredindo a passos agigantados para um tetraplégico.

Teria que lutar com dois sérios problemas, um o trauma na medula, motivo pelo qual estava tetraplégico, e outro as múltiplas fracturas expostas de minha perna direita.

Eu tenho uma barra de titânio intramedular, dentro do osso, desde o joelho até ao tornozelo.

Passaram-se meses, os médicos deram-me "alta", regressei à minha casa em Cabeçudas.

Como vivia na montanha, era muito difícil me locomover todos os dias com a cadeira de rodas até ao Balneário Camboriú, sul do Brasil, onde fica a academia, decidi-me mudar para perto deste lugar.

Comecei chegando em cadeira de rodas, depois em muletas, logo em seguida com uma só muleta, depois sem nenhuma e até agora continuo com minha recuperação e, claro, deixei de ser um tetraplégico.

Quem me conhece desde o princípio sabe muito bem meu sacrifício diário para tentar recuperar o 100%.

Me encantaria ajudar com minhas experiências pessoas que estão prostradas em uma cama pois há casos reversíveis que com vontade, esforço, sacrifício e sobretudo, com muito amor, podem ser resolvidos.

Um agradecimento eterno para minha companheira Naiara que para não me deixar sozinho, não pode assistir ao funeral de seu próprio pai que faleceu no Rio Grande do Sul, enquanto eu estava internado no hospital.

Também é muito importante destacar que Naiara jamais havia praticado esporte algum e nunca frequentou uma academia de ginástica e nem sequer nadava; tanto na piscina como no mar.

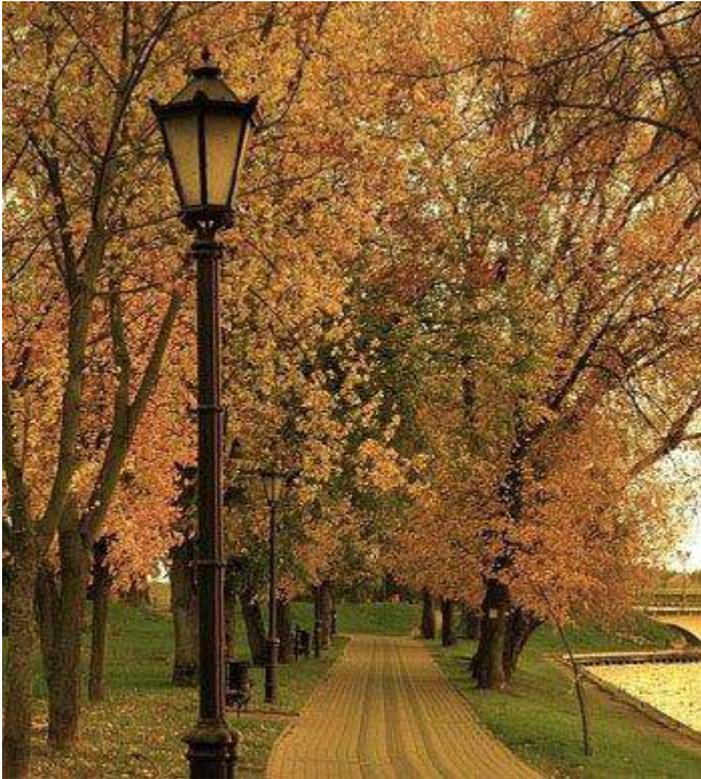
Depois de um ano me ajudando, Naiara é uma triatleta, hoje treinamos juntos e, quem sabe, não poderemos até competir juntos?

Claudia Naiara Chaves é um anjo em minha vida.

NORBERTO WOROBEIZYK (woro92001@yahoo.com.ar)

Fim

04 BOM NATAL – 2008/2009



Em Ouro Negro seguia-te os passos velozes, mas tu dobravas sempre as esquinas em avanço.

Estranha persistência ordenava-me que perseguisse a tua incessante busca.

Uma procura de uma procura.

Cruzei praças, subi morros, desci morros, atravessei adros e acordei missas adormecidas.

Ofegante, perguntava às floristas se te viram passar, mas elas respondiam apenas que uma flor procura o seu jardim.

Sentado no velho teatro em forma de lira vislumbrei-te num ápice, por detrás da cortina.

Mas de novo me perdi no meio de um pagode-chinfrim entre risos e máscaras animais.

Por momentos, senti que o afã de te encontrar era, afinal, o desencontro ou a simples circulação de mim para mim.

Mas eis que te vejo na antiga praça, encostada ao pelourinho onde os escravos eram humilhados, torturados e mutilados.

Tirei-te as pesadas grilhetas, perguntando-me como conseguiras correr tão veloz.

Sorri-te e imaginei-me a dizer-te para sempre que era dono de nada, senhor de ninguém.

Fim

João Teixeira Lopes

05 TEMPO QUE FOGE!

Contei meus anos e descobri que terei menos tempo para viver daqui para frente do que já vivi até agora.

Sinto-me como aquele menino que ganhou uma bacia de jabuticabas.

As primeiras, ele chupou displicente mas ao perceber que faltam poucas, rói o caroço.

Já não tenho tempo para lidar com mediocridades.

Não quero estar em reuniões onde desfilam egos inflados.

Não tolero gabarolices.

Inquieto-me com invejosos tentando destruir quem eles admiram, cobiçando seus lugares, talentos e sorte.

Já não tenho tempo para projetos megalomaniacos.

Não participarei de conferências que estabelecem prazos fixos para reverter a miséria do mundo.

Não vou mais a workshops onde se ensina como converter milhões usando uma fórmula de poucos pontos.

Não quero que me convidem para eventos de um fim de semana com a proposta de abalar o milênio.

Já não tenho tempo para reuniões intermináveis para discutir estatutos, normas, procedimentos parlamentares e regimentos internos.

Não gosto de assembleias ordinárias em que as organizações procuram se proteger e perpetuar através de infindáveis detalhes organizacionais.

Já não tenho tempo para administrar melindres de pessoas, que apesar da idade cronológica, são imaturos.

Não quero ver os ponteiros do relógio avançando em reuniões de "confrontação", onde "tiramos factos a limpo".

Detesto fazer acareação de desafetos que brigaram pelo majestoso cargo de secretário do coral.

Já não tenho tempo para debater vírgulas, detalhes gramaticais sutis, ou sobre as diferentes traduções da Bíblia.

Lembrei-me agora de Mário de Andrade que afirmou: "As pessoas não debatem conteúdos, apenas os rótulos".

Meu tempo tornou-se escasso para debater rótulos.

Já não tenho tempo para ficar explicando aos medianos se estou ou não perdendo a fé porque admiro a poesia do Chico Buarque e do Vinicius de Moraes; a voz da Maria Bethânia; os livros de Machado de Assis, Thomas Mann, Ernest Hemingway e José Lins do Rego.

Sem muitas jabuticabas na bacia, quero viver ao lado de gente humana, muito humana; que sabe rir de seus tropeços, não se encanta com triunfos, não se considera eleita para a "última hora"; não foge de sua mortalidade, defende a dignidade das pessoas e deseja conviver humildemente com seus amigos.

Caminhar perto delas nunca será perda de tempo.

Fim

(Ricardo Gondim)

06 ROBINSON CRUSOÉ

A ilha de uma lenda.

Era uma vez um náufrago que foi parar numa ilha deserta onde viveu muitos anos sozinho e aprendeu a sobreviver do nada, virando herói e personagem de uma das mais famosas histórias de todos os tempos:

A história de Robinson Crusoe.

O mais incrível é que a ilha onde tudo isso aconteceu existe de verdade!

Era a minha primeira viagem em busca de um livro. Quer dizer, o livro eu já tinha e havia até decorado algumas partes, de tanto ler e reler “As Aventuras de Robinson Crusoe”, na infância.

Só faltava agora confrontá-lo com a realidade da ilha aonde no século 18 viveu o marinheiro escocês Alexander Selkirk durante quatro anos, o verdadeiro Crusoe e que inspirou o escritor Daniel Defoe a criar seu mais famoso personagem.

E ela existia de verdade num pontinho do oceano Pacífico, a cerca de 700 quilômetros da costa do Chile, não tão longe do Brasil.

Essa ilha actualmente é chamada de “Robinson Crusoe” e no passado era chamada de “Más-a-Tierra”, uma das ilhotas do arquipélago chileno de Juan Fernandes, e é uma belíssima ilha.

Todos os dias Selkirk escalava a maior das montanhas tentando avistar algum barco e hoje a mesma trilha é percorrida pelos (poucos) turistas que ali conseguem chegar, pois apesar desta ilha ser famosa, muitas poucas pessoas sabem da existência desta ilha e se foi real esta história.

Bela e adormecida, poucas pessoas já foram a Robinson Crusoe e sua beleza surpreende a todos os que ali chegam em busca de aventura

A sede da ilha não passa de um povoado com umas seis ruas com cerca de 500 moradores orgulhosos de sua ilha e no passado suas grutas chegaram a ser usadas como prisões políticas.

A verdadeira história: - a vítima foi o marinheiro escocês Alexander Selkirk, o barco de Selkirk partiu da Inglaterra, o rumo era o México no ano de 1704, Selkirk pediu ou foi deixado sozinho na ilha com alguns utensílios, este marinheiro sabia de sua localização, sua alimentação básica era constituída de conchas e peixes, morreu no mar anônimo e vítima, muito provavelmente, de febre amarela.

A ilha ainda conserva o mesmo mirante de onde Selkirk sonhava com seu resgate.

Para chegar lá só existem três alternativas: a primeira é viajar de barco próprio tendo como referência a cidade de Santiago do Chile, a segunda é navegar por dois dias no navio que uma vez por mês abastece a ilha com suprimentos partindo de Santiago, e a terceira é voar por duas horas nos pequenos aviões das empresas Lassa ou Robinson que partem de Santiago quando o tempo na ilha permite.

Apesar da precariedade local, já há pousadas na ilha e até pacotes turísticos para lá.

Em geral vão mergulhadores.

No Brasil há uma Agência turística que organiza viagens para esta ilha e chama-se ECHO cujo telefone é: 11/ 3237-1771 e custa 1.800 usd, mas não vale a pena só visitar a ilha, o ideal é aproveitar a viagem e conhecer outras partes muito interessantes do Chile.

Para saber mais sobre a Ilha Robinson Crusóé pode entrar em contacto com o relações-públicas oficial do arquipélago, Gaston Arredondo, pelo E-mail - garredondo@entelchile.net.

A ilha continua muito original, mas possui serviços de Internet.

Fim

(texto adaptado)

Bons ventos.

07 A LÓGICA DE EINSTEIN

Duas crianças estavam patinando num lago congelado da Alemanha.

Era uma tarde nublada e fria, e as crianças brincavam despreocupadas.

De repente, o gelo se quebrou e uma delas caiu, ficando presa na fenda que se formou.

A outra, vendo seu amiguinho preso e se congelando, tirou um dos patins e começou a golpear o gelo com todas as suas forças, conseguindo por fim quebrá-lo e libertar o amigo.

Quando os bombeiros chegaram e viram o que havia acontecido, perguntaram ao menino: "Como você conseguiu fazer isso? É impossível que tenha conseguido quebrar o gelo, sendo tão pequeno e com mãos tão frágeis!"

Nesse instante, o gênio Albert Einstein que passava pelo local, comentou:

"Eu sei como ele conseguiu."

Todos perguntaram: "Pode nos dizer como?"

"É simples", respondeu o Einstein, "Não havia ninguém ao seu redor, para lhe dizer que não seria capaz."

"Deus nos fez perfeitos e não escolhe os capacitados, capacita os escolhidos."

Fazer ou não fazer algo, só depende de nossa vontade e perseverança.

(Albert Einstein)

Conclusão: "Preocupe-se mais com sua consciência do que com sua reputação.

Porque sua consciência é o que você é, e sua reputação é o que os outros pensam de você.

E o que os outros pensam, é problema deles."

08 PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES

Caminhando e cantando e seguindo a canção
Somos todos iguais braços dados ou não
Nas escolas nas ruas, campos, construções
Caminhando e cantando e seguindo a canção

Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer

Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer

Pelos campos há fome em grandes plantações
Pelas ruas marchando indecisos cordões
Ainda fazem da flor seu mais forte refrão
E acreditam nas flores vencendo o canhão

Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.

Há soldados armados, amados ou não
Quase todos perdidos de armas na mão
Nos quartéis lhes ensinam antigas lições
De morrer pela pátria e viver sem razão

Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.

Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.

Nas escolas, nas ruas, campos, construções
Somos todos soldados, armados ou não
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Somos todos iguais braços dados ou não
Os amores na mente, as flores no chão
A certeza na frente, a história na mão
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Aprendendo e ensinando uma nova lição

Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.

Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.

(Geraldo Vandré)

09 FRAGMENTOS DE MIM...

É curioso o quanto um artista se expõe a seu público, seja ele músico, actor, escritor, dançarino, artista plástico... A arte é a expressão de um ser humano que deixa um pouco de si em sua obra... A obra não é o artista e o artista pode continuar a viver sem essa obra... Mas o artista necessita dessa exposição para que sua obra tenha algum valor...

A questão valor é relativa, muito relativa... Existe público para tudo nesse mundo, até para as piores coisas; basta assistir um pouco de TV aos finais de semana que veremos a tamanha quantidade de lixos fazendo "sucesso" e ganhando dinheiro... Sucesso também é um termo muito relativo... Existem muitos que conseguem dinheiro e fama... Mas não estão de bem com eles mesmos... Não estão vivendo o quanto poderiam... Não desfrutam nem da fama e muito menos do dinheiro... E acabam-se por ficar presos a isso.

Em cada texto que escrevo, exponho minhas opiniões e até factos ocorridos na minha vida... Parto do princípio que o meu melhor exemplo só pode ser eu mesmo... Um pouco de egocentrismo talvez... Mas o que mais me importa são os lugares aonde vivo e as pessoas com quem convivo... O mundo me é, tão-somente, o que assimilo dele que pode ser muito diferente do mundo de cada um... Vivemos no mesmo planeta e sujeitos a todas as intempéries da vida... Mas cada um formula isso à sua maneira...

Sempre gostei de escrever e formular novos pensamentos. As redacções eram o que me garantiam as notas em língua portuguesa porque sempre fui péssimo na parte gramatical... Ainda não consigo entender a necessidade de saber se tal verbo é transitivo, directo ou indirecto ou um verbo intransitivo... Escrevo as frases conforme minhas ideias buscando o seu sentido; depois faço a pontuação e está pronto... Sempre tive facilidade para redigir e muitas vezes na vida escrevi pequenos contos que imprimia e distribuía entre os parentes.

Escrever um livro, para mim, sempre foi como um devaneio, um sonho bobo que nunca imaginei ser possível... comecei a escrever algumas coisas na net... Depois que criei meu grupo no MSN, fui "ganhando" admiradores que sempre me incentivaram... Imaginava que eu nunca tivesse um acervo considerável para um dia virar um livro...

Fui escrevendo... Na verdade, muitos desabafos em forma de broncas... Aos que me chamam de iluminado, gênio, isso ou aquilo, enganam-se... Essas broncas que escrevi e escrevo ainda são 90%

delas direccionadas a mim mesmo... Tenho tamanha quantidade de defeitos que me permitem "enxergar" (como dizem) as mazelas da vida baseado em meus próprios defeitos... Nada mais do que isso. Talvez eu tenha a facilidade de materializar em letras aquilo que sinto e que curiosamente está de acordo com o que muitas pessoas sentem...

Não faço intensas pesquisas em livros esotéricos ou outros como famosos e reconhecidos escritores costumam fazer... Escrevo o que sei e que é muito pouco... Mas escrevo o que penso, o que sinto e o que eu vivo...

Quem tem essa "coisa", essa vontade de escrever secretamente em seu diário ou criar pequenos contos para própria diversão... Deve perder a vergonha e começar a mostrar... O artista depende da obra para ser o que é... E a obra é parte da vida do artista, aquilo que o artista despendeu de si para realizar a obra, sua capacidade, energia, vontade, sentimento, opiniões... tudo...

Cada obra é um pequeno fragmento do artista que expõe sua obra à opinião de todos...

O artista nada mais é do que um ser comum que perdeu a vergonha e que ao invés de seguir alguém preferiu orientar-se...

Amor e alegria em nossos corações... Sempre!

(Alex Mar, 25 de abril de 2005)

Fim

10 DISCURSO DO CIENTISTA TOMÁS EDISON

“” Ideei alguns desses brinquedos eléctricos que os humanos, eternas crianças, chamam pomposamente “ Grandes Inventos ”.

Não me envergonho - é preciso fazer alguma coisa para passar o tempo e pôr em uso aquela pequena astúcia do cérebro que nos incomoda quando não é aplicada.

Por outro lado, alguns desses brinquedos, sob o ponto de vista prático, podem ser úteis à vida comum, fixar os sons num disco, ampliar vozes, aperfeiçoar lâmpadas eléctricas ou o rádio, mas não significa aumentar a felicidade nem aproxima-nos dos segundos do Universo.

Agora que estou velho, verifico que consagrei toda a minha vida a coisas de pouca importância.

Quando vejo os homens de hoje que se entusiasma com a velocidade de seus aparelhos, não posso deixar de rir.

Os aviões com seus trezentos quilómetros à hora são, comparados com a velocidade da luz, lesmas.

Quando eu era novo imaginava, nesciamente, que a vida consistia nas máquinas.

Construí algumas máquinas felizes e continuamos no mesmo.

Mais de meio século de cálculos, de investigações, de vigílias, de tentativas para chegar a introduzir no comércio bagatelas cómodas ou ruidosas

Confesso que o homem de rua é uma criatura extraordinariamente indulgente e otimista.

Os ignorantes têm a necessidade de iludir-se, os operários de trabalhar e os industriais de ganhar dinheiro.

Sinto o céu como coisa estranha, remota, inimiga.

Os Cometas que arrastam sua cauda pelo infinito, sem um objectivo razoável, nada me dizem que me console.

As nebulosas, amontoados confusos de poeira cósmica, exasperam-me como todas as coisas informes e não acabadas.

No que diz respeito a planetas e aos satélites adutores extintos que dão voltas para obter a esmola de um poço de luz, causam-me repugnância e desprezo.

Não compreendo os astrónomos: como é que nenhum deles fica doído nem se suicida?

Imagino que são homens sem fantasia, incapazes de sentir o insulto permanente das constelações refugiadas no fundo dos desertos do espaço, medindo e calculando, iludem-se talvez pensando que dominam o céu ou, ao menos, que são admitidos como hóspedes.

Mas um homem autêntico não pode experimentar, ante a voragem esparsa dos fogos errantes, senão ira ou temor.

O céu tem influência sobre mim e nunca a poderei ter sobre ele.

Se o contemplo, amesquinha-me.

Se o ignoro, castiga-me.

Tem uma vida sua, misteriosa e solene que não consigo, de forma alguma, turvar ou mudar e inspira-me, contra minha vontade, pensamentos mortificantes que me maltratam, me deprimem e me tiram coragem de viver.

Por isso, prefiro não o ver.

Agradam-me as regiões e as estações do ano em que o céu está sempre encoberto, onde a noite é muda e total e nos sentimos, sob a colcha próxima de névoa, familiar

Invejo os habitantes de Vénus porque, ao que se diz, o seu planeta está quase sempre envolto em vapores e é-lhes impedida a visão do irritante lucilar das inúteis constelações e daquela odiosa Via Láctea que atravessa o firmamento como fumarada de embuste fosforescente.

Os poetas, idiotas como crianças, extasiam-se diante dos Vaga lumes errantes do infinito.

Para mim que, por fortuna ou por desgraça, não sou versificador nem místico, o céu é apenas o velório sinistro onde leio todas as noites a sentença do meu irremediável nulidade. "" ""

Fim

11 O MUNDO, COMO UM UNICÓRNIO

Sábado, 6 de Setembro de 2008



Para a Anita Silva, Anita Soror, retribuindo um comentário que me deixou hoje, deixo aqui em jeito de resposta um pequenino texto que fiz para o meu blog em 2004. A frase destacada é do Padre António Vieira.

A mim, que sou quase todo feito de nada, entristece-me a tua ânsia de prender as palavras frágeis, de te embrulhar nelas como se te agasalhassem do vento mais forte. A mim, que sou quase todo feito de noite, entristece-me a tua ânsia de agarrar a beleza, de te misturar nela como se fosse em ti o véu da noiva ansiosa.

De que te queres proteger? Tu sabes que o perfume das rosas bravas não está na palavra "rosas", e o silêncio do azul claro não vem da palavra "mar". E em quantas coisas não reparaste, absorvido que estavas na beleza inútil da arte que as ocultou?

Olha para mim se não acreditas. Eu sou o primeiro a fraquejar, e por isso não te alegres se me vires dizer as rosas bravas. **Para falar ao vento bastam palavras; para falar ao coração são precisas obras.** E as obras nascem só do silêncio e da pedra e dos olhos que sabem guiar-se pelas mãos cansadas.

Não, não te alegres se eu cantar o mundo e os seus lugares de beleza. Porque não estarei a fazer mais que a disfarçar as lágrimas, e eu não gosto de chorar. Não te alegres sequer se me vires falar. É só porque calar-me era uma mentira maior.

Nunca aprendi a não ver as coisas tristes. E na vida pouco pude fazer para fazer o mundo sorrir. Mas eu, que sou quase todo feito das coisas que a ribeira arrasta, queria que os teus olhos soubessem que foram feitos para dar forma, que foram feitos para dar sentido. E que só neles poderás ser.

Sim, queria que entre ti e as trevas não houvesse o véu das palavras fáceis. Queria que olhasses cada um dos gritos que te prendem, cada um dos grilhões insustentáveis. Não te escondas atrás de palavras bonitas. Não acendas luzinhas na escuridão. Deixa as tuas mãos serem os teus olhos, e deixa os teus olhos tocar. E então sim, poderás falar. E experimenta dizer baixinho "princesa", como se chamasses a verdade: verás sorrir a beleza frágil, e junto dela o mundo.

Fim

Casimiro Ceivães

12 RIFA DE UM BURRO MORTO

Era uma vez 4 irmãos que foram ao campo e compraram de um velho camponês um burro por r\$ 100.

O senhor combinou entregar-lhes o animal no dia seguinte .

Porém no dia da entrega o camponês lhes disse:

- Sinto muito amigos mas tenho uma má notícia: o burro morreu.
- Então devolva-nos o dinheiro!
- Não posso, já o gastei todo.
- Então, de qualquer forma, queremos o burro.
- E para que o querem? O que vão fazer com ele?
- Nós vamos rifá-lo.
- Estão loucos? Como vão rifar um burro morto?
- Obviamente não vão dizer a ninguém que ele está morto.

Um mês depois, o camponês encontrou-se novamente com os irmãos e perguntou- lhes:

- E então, o que aconteceu com o burro?
- Como dissemos, rifamos.
- Vendemos 500 números a r\$ 2 cada um e arrecadamos r\$ 1.000.
- E ninguém se queixou?
- Só o ganhador porém devolvemos-lhe os r\$ 2 e pronto... Tudo certo.

Os irmãos cresceram... E, quando adultos, fundaram no brasil

Um banco,

Uma empresa de publicidade,

Uma igreja e

Um partido político...

(autor desconhecido)

Fim

13 MENSAGEM DO CHEFE INDÍO "SEATTLE"

No ano de 1854, o presidente dos Estados Unidos da América fez uma proposta a uma tribo indígena para comprar suas terras na América.

O chefe dessa tribo o cacique "Seattle" respondeu alertando às gerações vindouras para os perigos da destruição ambiental gerada pelos humanos urbanos e as nações unidas (ONU) gravou este discurso e divulgou-o pelo mundo com o seguinte teor:

" O que ocorrer com o planeta recairá sobre os filhos da terra, há uma ligação em tudo.

Como é que se pode comprar ou vender o céu, o calor da terra? Essa ideia nos parece estranha pois se não possuímos o frescor do ar e o brilho da água como é possível comprá-los?

Cada pedaço desta terra é sagrado para meu povo, cada ramo brilhante de um pinheiro, cada punhado da areia das praias, a penumbra da floresta densa, cada clareira e insecto a zumbir são sagrados na memória e experiência de meu povo. A seiva que percorre o corpo das árvores carrega consigo as lembranças do homem vermelho.

Os mortos do homem branco esquecem sua terra de origem quando vão caminhar entre as estrelas. Nossos mortos jamais esquecem esta bela terra pois ela é a mãe do pele-vermelha. Somos parte da terra e ela faz parte de nós. As flores perfumadas são nossas irmãs; o cervo, o cavalo, a grande águia são nossos irmãos. Os picos rochosos, os sulcos húmidos das campinas, o calor do corpo do potro e o humano, todos pertencem à mesma família.

Portanto, quando o grande chefe em Washington manda dizer que deseja comprar nossa terra, pede muito de nós.

O grande chefe diz que nos reservará um lugar onde possamos viver satisfeitos. Ele será nosso pai e nós seremos seus filhos portanto nós vamos considerar sua oferta de comprar nossa terra mas isso não será fácil. Esta terra é sagrada para nós.

Essa água brilhante que escorre nos riachos e rios não é apenas água mas o sangue de nossos antepassados. Se lhes vendermos a terra vocês devem lembrar-se de que ela é sagrada e devem ensinar suas crianças que ela é sagrada e que cada reflexo nas águas límpidas dos

lagos fala dos acontecimentos e lembranças da vida de meu povo. O murmúrio das águas é a voz de meus ancestrais.

Os rios são nossos irmãos, saciam nossa sede, os rios carregam nossas canoas e alimentam nossas crianças e se lhes vendermos nossa terra vocês devem lembrar e ensinar a seus filhos que os rios são nossos irmãos e seus também e, portanto, vocês devem dar aos rios a bondade que dedicariam a qualquer irmão.

Sabemos que o homem branco não compreende nossos costumes. Uma porção de terra para ele tem o mesmo significado que qualquer outra pois é um forasteiro que vem á noite e extrai da terra aquilo de que necessita. A terra não é sua irmã mas sua inimiga e quando ele a conquista prossegue seu caminho.

Deixa para trás os túmulos de seus antepassados e não se incomoda. Rapta da terra aquilo que seria de seus filhos e não se importa. A sepultura de seu pai e os direitos de seus filhos são esquecidos. Trata sua mãe, a terra, e seu irmão, o céu, como coisas que possam ser compradas, saqueadas, vendidas como enfeites coloridos. Seu apetite devorará a terra deixando somente um deserto.

Eu não sei, nossos costumes são diferentes dos seus. A visão de suas cidades fere os olhos do Homem Vermelho. Talvez seja porque o Homem Vermelho é selvagem e não compreenda.

Não há um lugar quieto nas cidades do homem branco. Nenhum lugar aonde se possa ouvir o desabrochar das folhas da primavera ou o bater das asas de um insecto mas talvez seja porque eu sou um selvagem e não compreendo.

O ruído parece somente insultar os ouvidos. E o que resta da vida se um homem não pode escutar o choro solitário de uma ave ou o debate dos sapos ao redor de uma lagoa á noite? O índio prefere o suave murmúrio do vento encrespando a face do lago e o próprio vento limpo por uma chuva diurna ou perfumado pelos pinheiros. O ar é precioso para o Homem Vermelho pois todas as coisas compartilham o mesmo sopro. Parece que o homem branco não sente o ar que respira. Como um homem agonizante há vários dias, é insensível ao mau cheiro.

Mas se vendermos nossa terra ao homem branco ele deve lembrar que o ar é precioso para nós, que o ar compartilha seu espírito com toda a vida que mantêm. O vento que deu a nosso avô seu primeiro inspirar também recebe seu último suspiro. Se lhes vendermos nossa terra vocês devem mantê-la intacta e sagrada como um lugar onde

até mesmo o homem branco possa ir saborear o vento açucarado pelas flores do prado.

Portanto, vamos meditar sobre sua oferta de comprar nossas terras e se decidirmos aceitar imporei uma condição: - o homem branco deve tratar os animais desta terra como seus irmãos.

Sou um selvagem e não compreendo qualquer outra forma de agir. Vi um milhar de búfalos apodrecendo na planície abandonados pelo homem branco que os alvejou de um comboio a passar. Eu sou um selvagem e não compreendo como é que o fumegante cavalo de ferro pode ser mais importante que o búfalo que sacrificamos somente para permanecer vivos.

O que é o homem sem os animais? Se todos os animais se fossem o humano morreria de uma grande solidão de espírito pois o que acontece com os animais breve acontece com os humanos, há uma ligação em tudo.

Vocês devem ensinar às suas crianças que o solo a seus pés é a cinza de nossos avós, para que respeitem a terra. Digam a seus filhos que ela foi enriquecida com as vidas de nosso povo.

Ensinem às suas crianças o que ensinamos às nossas, que a terra é nossa mãe e tudo o que acontecer à terra acontecerá aos filhos da terra. Se os humanos cospem no solo estão cuspidos em si mesmos.

Isto sabe: - a terra não pertence aos humanos mas os humanos pertencem à terra.

Isto sabe: - todas as coisas estão ligadas como o sangue que une a família pois há uma ligação em tudo.

O que ocorrer com a terra recairá sobre os filhos da terra. Os humanos não teceram o tecido da vida, ele é simplesmente um dos seus fios e tudo o que fizer ao tecido fará a si mesmo.

Mesmo o homem branco cujo deus caminha e fala com ele de amigo para amigo não pode estar isento do destino comum. É possível que sejamos irmãos, apesar de tudo, veremos.

De uma coisa estamos certos e o homem branco poderá vir a descobrir um dia:

Nosso Deus é o mesmo Deus.

Vocês podem pensar que o possuem, como desejam possuir nossa terra mas não é possível pois ele é o Deus de todos.

A terra lhe é preciosa e feri-la é desprezar seu criador.

Os brancos também passarão e talvez mais cedo do que as outras tribos.

Contaminem suas camas e uma noite serão sufocados pelos próprios dejectos.

Mas quando de sua desapareição vocês brilharão intensamente iluminados pela força do deus que os trouxe a esta terra e por alguma razão especial que lhes deu o domínio sobre a terra e sobre o homem vermelho.

Este destino é um mistério para nós pois não compreendemos que todos os búfalos sejam exterminados, os cavalos bravios sejam todos domados, os recantos da floresta impregnados do cheiro de muitos humanos e a visão dos morros obstruída pelos fios que falam.

Onde está o arvoredos? Desapareceu! Onde está a água? Desapareceu! É o final da vida e o início da sobrevivência. "

Fim

14 DISCURSO DE "GOG"

MENTALIDADE DE UM HOMEM " RICO"

“ Alguém que foi, no início do século XX, um dos homens mais ricos (financeiramente) do norte, graças à tecnologia e raciocínio calculista, expôs sua ideia do Planeta Terra ”.

“ Surpreende-me e irrita-me, pois pertencço a essa espécie humana, o humilde contentamento dos humanos. Falam a todo o momento de grandezas - te beges in te lord - e a seguir descobre-se que lhes parece imensa qualquer pequenez.

Falta, em absoluto, a todos o senso do gigantesco. Falam como Sansões e agem como anões, como o pequeno Polegar.

Uma estátua da altura de sessenta metros parece, a seus olhos, um colosso; um edifício de cento e cinquenta metros, um desafio aos céus; uma torre de trezentos metros, um portento único; uma ponte de alguns quilómetros, uma vitória do génio humano; uma cidade onde vivem dez milhões de pessoas, isto é cem vezes mais deserta do que em certos formigueiros, supõem uma metrópole imensa e uma população de cem milhões parece interminável.

Nunca vi pobres tão extasiados diante das obras de industriais tão mesquinhos.

Quando me vi pela primeira vez ao pé da Torre “Eiffel”, não pude deixar de rir: - aquela deselegante gaiola de ferro, que parece um brinquedo de engenheiros abandonado perto de um regato era realmente a construção mais alta da Terra? É caso para ter vergonha de ser homem e de ter nascido neste século.

S. Pedro de Roma é, ao que dizem, a maior igreja do mundo e tem como vestíbulo uma praça que podia ser o modelo reduzido de um dos meus sonhos mas quando se entra na Nave, fica-se desiludido - isto é tudo? Em poucos passos encontramos-nos sob a cúpula.

Não quero dizer que seja feia, uma vez que os especialistas a admiram mas as dimensões são incrivelmente miseráveis.

Se o Imperador do Mundo - que qualquer dia há-se reunir sob seu domínio as pequenas províncias hoje chamadas de reinos e repúblicas - construísse um palácio real digno dele, uma cúpula como a de Miguel Angelo poderia, quando muito, ser a abóbada de um átrio de serviço. Quanto ao Coliseu seria, imagino, um pequeno pátio de passagem para as cozinhas.

É possível que os Babilónios e os Egípcios tivessem um pouco mais do que nós, a fantasia do grandioso, embora possamos desconfiar das ruínas, que nos podem iludir, mas os modernos - que possuem meios e mecanismos muito superiores aos antigos - deviam fazer muito mais e não escancarar a boca à vista das intenções mesquinhas dos nossos architectos metrómanos.

Nenhum tem uma imaginação digna da nossa condição de monarcas do planeta.

Ter-se-ia, por exemplo, de recomeçar a construção da Torre de Babel, abandonada por vil superstição há milhares de anos, uma Torre de Babel que ultrapasse os mil metros, a zona das nuvens, e permita contemplar inteiro o país a seus pés e isso não seria impossível para os nossos construtores.

Há já cerca de quatro séculos que Miguel Angelo teve uma ideia verdadeiramente digna de um homem: a de escavar uma montanha e convertê-la em estátua gigante.

Ninguém lhe deu ouvidos nem o auxiliou mas sustento que aquela seria a verdadeira Obra-prima de Buonarroti.

Nos Alpes Apuamos existe ainda uma montanha de mármore que se prestaria optimamente.

E quem pensa em estender uma ponte digna do poder humano, isto é, entre a Europa e a América do Norte? Os técnicos por mim interpelados consideram-na realizável, depende unicamente do custo, do tempo e da audácia.

Mas os meus contemporâneos são de uma timidez que causa asco.

Uma estrada imperial, de duzentos metros de largura e um comprimento de duzentos quilómetros, marginada de estátuas

colossais dos maiores gênios do mundo que atravessasse uma verdadeira Metrópole de, pelo menos, trinta milhões de habitantes, pareceria a estes pigmeus acomodaticios, um sonho absurdo.

Contentam-se em admirar os navios de duzentos ou trezentos metros de comprimento que transportam lentamente através dos mares alguns milhares de viventes mas o navio em relação à nossa época deveria ser uma ilha autêntica, com jardins plantados em terra verdadeira, com ruas e palácios e destinada, não a andar daqui para ali, de um continente para outro, mas a tornar possível a carreira regular entre todos os continentes.

Os paquetes de hoje nada mais são do que barcaças a vapor que farão dentro de um século o mesmo efeito que nos fazem as diligências de há cem anos.

Por ora só as palavras são de Titãs mas as nossas obras são de formigas e de toupeiras pois até as formigas nos podem dar lições de grandeza.

O homem hodierno apesar de sua jactância pensa como Gulliver e não se apercebe de que vive ao nível de Lilipute.

Quando visitei os Laboratórios de Fisiologia da Universidade W... dirigida pelo célebre Fruhestadt, alemão americanizado, realizavam-se ali grandes experiências sobre a autonomia do coração.

O próprio Fruhestadt investigava se o coração dos animais poderia ter vida autónoma.

Mais do que qualquer outro animal, o porco correspondia às suas esperanças e pude ver dois corações de porcos submersos em um líquido quase límpido que palpitavam regularmente, como se estivessem vivos.

- Observe uma coisa estranha - disse sorrindo o ajudante que me acompanhava, o coração do porco é o que mais se assemelha ao do homem na forma e dimensões e não desesperamos de poder tentar a experiência com a nossa espécie, se conseguirmos a licença necessária.

Reflectindo sobre as palavras do ajudante, veio-me à memória a minha colecção de gigantes o problema que me preocupava -- fazer uma colecção de seres vivos que não fugissem -- pareceu-me solucionado))) e propus o negócio ao ajudante do professor.

Dentro de um mês, ao preço de cem dólares a peça, devia proporcionar-me a colecção que eu desejava e conseguia-a: -

trezentos e setenta porcos foram sacrificados, naturalmente vendidos a preços normais.

Tenho agora, aqui, numa luminosa galeria do Cotagem de Concord uma das colecções mais originais do mundo: de ambos os lados, em prateleiras de pinho, alinham-se cem frascos de boca larga onde palpitam cem corações.

Na solução que conserva sua actividade muscular que o assistente renova todos os dias, os corações contraem-se num ritmo cansado e irregular mas contínuo como se fossem motores de carne que trabalham em vão, separados dos aparelhos que animavam.

Aquela eterna pulsação cardíaca sem objectivo nem sentido atrai-me fortemente e sugere-me estranhos pensamentos; apraz-me imaginar, seduzido pela semelhança, que possuo cem corações de homens, órgãos quentes e vivos, cem corações que sofreram, que gozaram, que conheceram a paralisia do medo e a aceleração do amor e são agora apenas um simulacro de vida; libertaram-se das criaturas que serviram, pulsam gratuitamente para nada, para ninguém, unicamente para me divertirem pois nunca pude tolerar os delírios dos poetas e dos novelistas sobre o "coração".

Este símbolo ideal de todas as imbecilidades sentimentais, de todas as ejaculações patéticas, aqui está reduzido à sua mecânica materialidade nestes grandes frascos.

Os corpos a que estes corações pertenceram, morreram, as almas desvaneceram-se e este músculo escurecido em forma de pês, continua estupidamente a palpitando sob o cristal como se qualquer coisa de belo e de nobre correspondesse ainda às suas palpitações.

O céu desagrada-me. Em certos momentos faz-me sofrer e então não posso sequer enxergar pois não sei como vingar-me e feri-lo.

Sinto-me irmão dos Citas que lançavam suas flechas contra o sol e as nuvens, em suma, para ser franco, ao menos comigo próprio, odeio o céu e com a pior espécie de ódio, o ódio impotente.

Não que ame demasiadamente a Terra. A Terra é exígua, suja, monótona e povoada mais do que o necessário, de pequenos pedaços de barro falante que a desfiguram e a tornam mais repugnante ainda mas aqui sentimo-nos em nossa casa, senhores para desfazer e fazer, para nos movermos à vontade, talvez possamos fazer-nos obedecer pela Terra; consegue-se domina-la aqui e ali como queremos, obter trigo onde haviam charcos ou pedras, criar rios artificiais, abater montanhas, separar continentes.

O céu, porém, está distante, afastado, é imodificável, hostil, não temos poder sobre o céu, mesmo as camadas mais baixas da atmosfera são independentes do nosso domínio.

É preciso suportar o vento que sopra, esperar o beneplácito da chuva, sofrer semanas e meses da serenidade tórrida, nada sabemos fazer contra as tempestades, quando muito conseguimos atrair de vez em quando algum raio.

Nem o dirigível nem os aeroplanos diminuíram a nossa impotência contra o céu inferior, podemos correr pelos ares, estamos porém à mercê dos furacões, dos tufões, dos redemoinhos, da névoa, e conseguimos elevar-nos a parcas alturas.

Mas o que odeio mais ferozmente, é o céu superior, é o firmamento. Tolero o sol bestial com o seu rosto de fogo cheio de manchas, por causa de sua utilidade mas à noite, as estrelas! O infinito não me atemoriza, desagrada-me e ofende-me.

Para sofrer a humilhação da minha pequenez bastava a Terra.

A provocação do céu estrelado e desproporcionado e prepotente é vergonhoso. Aqueles dois milhões de sóis que aparecem a meus olhos como átomos desordenados de luz eléctrica -- que têm a ver comigo? Que querem? Para que me servem? Por que tornam todas as noites, chamadas milenares, a insultar a brevidade dos meus dias neste recanto vazio?

O céu é uma injúria perpétua e insuportável, as estrelas não me conhecem e eu nunca poderei fazer qualquer coisa com elas nem contra elas.

Quando penso em quantos milhões de anos-luz distam de mim e quantos séculos necessita a sua claridade para chegar à Terra, nada mais faço a não ser dar forma aritmética à minha raiva.

A repugnância pelas réguas humanas que se amontoam nas cidades sufoca-me, em certas noites, a ponto de fazerem-me pensar se não haveria uma maneira prática e rápida de varrê-las radicalmente da Terra --- certas caras bestiais diante da comida, alguns corpos que parecem sacos de podridão com uma máscara de opróbrio, fazem-me desejar a matança total da nossa espécie, como missão de asseio urgente, como um dever.

Tenho já um plano nítido para o assassinio universal e não me parece absurdo e é muito simples pois compreende apenas dois meios: explosivos e gases venenosos.

Para as cidades, bastariam cem minas bem colocadas aproveitando os aquedutos e as cloacas; para os campos, pensei em milhares de fábricas de gás, distribuídas estrategicamente para que não ficasse um só palmo de terra livre no dia da execução.

No minuto por mim fixado, todas as minas de Chedite e de Lidite deveriam explodir e todas as fábricas deveriam abrir as suas comportas e chaminés, gasómetros e depósitos e em poucos minutos as cidades converter-se-iam num montão de ruínas, em meio de montanhas de fumos e o ar dos campos ficariam em pouco tempo envenenados, irrespirável, homicida e ao cabo de duas horas, segundo meu cálculo, em nenhuma região do mundo existiria um só homem com vida, a limpeza seria integral e definitiva.

Há, contudo, algumas dificuldades e a primeira de todas é a despesa. Um particular, conquanto extraordinariamente rico, não poderia dispor dos enormes capitais que seriam necessários, sobretudo para a construção e funcionamento das inúmeras fábricas de gás.

Constituir uma Sociedade Anónima seria, penso, difícil pois muito poucos, entre os ricos, sentem o meu asco pelos seus semelhantes.

Recorrer ao Estado não é bem lembrado mas facilmente encontraria um país disposto a financiar a matança ideada mas com a condição de que fossem exceptuados os seus cidadãos (os mais fieis certamente) e assim o verdadeiro objectivo não seria atingido.

Mas o maior obstáculo é sem dúvida a necessidade de recorrer a muitos e demasiados cúmplices: operários, engenheiros, químicos, etc., e seria quase impossível manter o segredo durante o longo período de preparação e uma vez divulgada a intenção, só haveria um morto: o que pensara e quisera o morticínio.

Depois é preciso pensar no vil temor dos homens e no seu chocante e ridículo amor à vida: os executores, conhecendo antes dos outros a benemérita maquinação, encontrariam maneiras de subtrair-se à morte e sobre a Terra ficariam alguns milhares dessas odiosas criaturas.

Devo, com infinito pesar, renunciar a esta benéfica ideia e sabe Deus quando poderá a Terra ver-se livre dos seus repugnantes parasitas.

Sinto o remorso da minha impotência, da minha pobreza, e vejo-me reduzido a imaginar, como num sonho, a cena estupenda e espantosa, bem pouco para a minha perene repulsa.

Fim

15 "A BOLSA E OS MACACOS"

Você sabe como funciona o Mercado de Valores, a dita Bolsa? Não? Então procurarei explicar...

Um certo dia, num lugarejo do interior, de um qualquer país africano, apareceu um homem anunciando aos aldeões que compraria macacos --obviamente macacos africanos, pois na Europa e nos States os ditos □macacos□ têm o seu □habitat□ nas grandes cidades (nos Walls-Streets financeiros) , oferecendo € 10 por cada um.

Os aldeões, sabendo que havia muitos macacos na região, foram à floresta e iniciaram a caça aos ditos. O homem comprou centenas de macacos a € 10, levando os aldeões a diminuir o seu esforço na caça.

Aí, o homem anunciou que doravante pagaria € 20 por cada macaco, e então os aldeões renovaram os seus esforços e foram novamente à caça.

Como é óbvio, os macacos foram escasseando cada vez mais e os aldeões iam desistindo da busca. A oferta aumentou para € 25, e os macacos foram rareando ainda mais, levando os aldeões a perder o interesse na caça. O trabalho não compensava&.

Perante o crescente desinteresse daqueles, o homem anunciou que começaria a pagar 50 Euros por cada macaco. Todavia, como teria de se ausentar para a cidade, deixaria um seu assistente para tratar do negócio.

Mal aquele se ausentou, o seu assistente disse aos aldeões: "Olhem todos estes macacos na jaula que o meu chefe vos comprou! Eu posso vender-vos a € 35 e quando ele regressar da cidade vocês podem vender-lhos por € 50 cada um. Já viram quanto ganhariam?!...

Espertos, os aldeões pegaram em todas as suas economias e compraram todos os macacos do assistente.

Obviamente que os infelizes não voltaram a ver, nem o homem nem o seu assistente, somente macacos e mais macacos a saltar por todos os lados.

Agora, você já entendeu como funciona o mercado de acções?...

16 MENSAGEM DO CIENTISTA TOMÁS EDISON

"Ideei alguns desses brinquedos elétricos que os humanos, eternas crianças, chamam pomposamente grandes inventos.

Não me envergonho - é preciso fazer alguma coisa para passar o tempo e pôr em uso aquela pequena astúcia do cérebro que nos incomoda quando não é aplicada.

Por outro lado, alguns desses brinquedos, sob o ponto de vista prático, podem ser úteis à vida comum, fixar os sons num disco, ampliar vozes, aperfeiçoar lâmpadas elétricas ou o rádio mas não significa aumentar a felicidade nem aproxima-nos dos segundos do universo.

Agora que estou velho, verifico que consagrei toda a minha vida a coisas de pouca importância.

Quando vejo os homens de hoje que se entusiasma com a velocidade de seus aparelhos, não posso deixar de rir.

Os aviões com seus trezentos quilômetros à hora são, comparados com a velocidade da luz, lesmas.

Quando eu era novo imaginava, nesciamente, que a vida consistia nas máquinas.

Construí algumas máquinas felizes e continuamos no mesmo.

Mais de meio século de cálculos, de investigações, de vigílias, de tentativas para chegar a introduzir no comércio bagatelas cómodas ou ruidosas.

Confesso que o homem de rua é uma criatura extraordinariamente indulgente e otimista.

Os ignorantes têm a necessidade de iludir-se, os operários de trabalhar e os industriais de ganhar dinheiro.

Sinto o céu como coisa estranha, remota, inimiga.

Os cometas que arrastam sua cauda pelo infinito, sem um objetivo razoável, nada me dizem que me console.

As nebulosas, amontoados confusos de poeira cósmica, exasperam-me como todas as coisas informes e não acabadas.

No que diz respeito a planetas e aos satélites adutores extintos que dão voltas para obter a esmola de um pouco de luz, causam-me repugnância e desprezo.

Não compreendo os astrónomos: como é que nenhum deles fica doido nem se suicida?

Imagino que são homens sem fantasia, incapazes de sentir o insulto permanente das constelações refugiadas no fundo dos desertos do espaço, medindo e calculando, iludem-se talvez pensando que dominam o céu ou, ao menos, que são admitidos como hóspedes.

Mas um homem autêntico não pode experimentar, ante a voragem esparsa dos fogos errantes, senão ira ou temor.

O céu tem influência sobre mim e nunca a poderei ter sobre ele.

Se o contemplo, amesquinha-me.

Se o ignoro, castiga-me.

Tem uma vida sua, misteriosa e solene que não consigo, de forma alguma, turvar ou mudar e inspira-me, contra minha vontade, pensamentos mortificantes que me maltratam, me deprimem e me tiram coragem de viver.

Por isso, prefiro não o ver.

Agradam-me as regiões e as estações do ano em que o céu está sempre encoberto, onde a noite é muda e total e nos sentimos, sob a colcha próxima de névoa, familiar

Invejo os habitantes de Vénus porque, ao que se diz, o seu planeta está quase sempre envolto em vapores e lhes é impedida a visão do irritante lucilar das inúteis constelações e daquela odiosa Via Láctea que atravessa o firmamento como fumarada de embuste fosforescente.

Os poetas, idiotas como crianças, extasiam-se diante dos Vaga Lumes errantes do infinito.

Para mim que, por fortuna ou por desgraça, não sou versificador nem místico, o céu é apenas o velório sinistro onde leio todas as noites a sentença da minha irremediável nulidade. """"

17 MAHATMA GANDHI

Quando Mahatma Gandhi, estudava direito na Universidade de Londres, tinha um professor chamado Peters que não gostava dele mas Gandhi não baixava a cabeça.

Um dia o professor estava a comer no refeitório, sentado frente a frente com Gandhi.

O professor disse-lhe: Senhor Gandhi, você sabe que um porco e um pássaro não comem juntos?

Ok professor... já estou voando..., respondeu Gandhi, e foi para outra mesa.

O professor, aborrecido, resolveu vingar-se no próximo exame. Mas Gandhi respondeu, brilhantemente, a todas as perguntas.

O professor resolver fazer a seguinte pergunta: - Senhor Gandhi, indo o senhor por uma rua e encontrando uma bolsa caída no chão, abre-a e encontra um pacote com sabedoria e um pacote com dinheiro. Com qual deles fica?

Gandhi respondeu: fico com o pacote de dinheiro, professor.

- Ah, pois eu no seu lugar, senhor Gandhi, ficaria com o de sabedoria.

Tem razão professor, cada um ficaria com o que não tem!

O professor, furioso, escreveu na prova: "idiota" e entregou-lha.

Gandhi recebeu a prova, leu e disse: Professor, o senhor assinou a prova mas não deu a nota!

18 PALCO DA VIDA

Você pode ter defeitos, viver ansioso e ficar irritado algumas vezes, mas não se esqueça de que sua vida é a maior empresa do mundo.

E você pode evitar que ela vá a falência.

Há muitas pessoas que precisam, admiram e torcem por você.

Gostaria que você sempre se lembrasse de que ser feliz não é ter um céu sem tempestade, caminhos sem acidentes, trabalhos sem fadigas, relacionamentos sem desilusões.

Ser feliz é encontrar força no perdão, esperança nas batalhas, segurança no palco do medo, amor nos desencontros.

Ser feliz não é apenas valorizar o sorriso, mas reflectir sobre a tristeza.

Não é apenas comemorar o sucesso, mas aprender lições nos fracassos.

Não é apenas ter júbilo nos aplausos, mas encontrar alegria no anonimato.

Ser feliz é reconhecer que vale a pena viver, apesar de todos os desafios, incompreensões e períodos de crise.

Ser feliz é deixar de ser vítima dos problemas e se tornar um autor da própria história.

É atravessar desertos fora de si, mas ser capaz de encontrar um oásis no recôndito da sua alma.

É agradecer a Deus / VIDA a cada manhã pelo milagre da vida.

Ser feliz é não ter medo dos próprios sentimentos.

É saber falar de si mesmo.

É ter coragem para ouvir um "não".

É ter segurança para receber uma crítica, mesmo que injusta.

Ser feliz é deixar viver a criança livre, alegre e simples que mora dentro de cada um de nós.

É ter maturidade para falar "eu errei".

É ter ousadia para dizer "me perdoe".

É ter sensibilidade para expressar "eu preciso de você".

É ter capacidade de dizer "eu te amo".

É ter humildade da receptividade.

*Desejo que a vida se torne um canteiro de oportunidades para você
ser feliz...*

E, quando você errar o caminho, recomece.

Pois assim você descobrirá que ser feliz não é ter uma vida perfeita.

Mas usar as lágrimas para irrigar a tolerância.

Usar as perdas para refinar a paciência.

Usar as falhas para lapidar o prazer.

Usar os obstáculos para abrir as janelas da inteligência.

Jamais desista de si mesmo.

Jamais desista das pessoas que você ama.

*Jamais desista de ser feliz, pois a vida é um obstáculo imperdível,
ainda que se apresentem dezenas de factores a demonstrarem o
contrário.*

"Pedras no caminho?

Guardo todas, um dia vou construir um castelo..."

Fim

(Autor: Fernando Pessoa)

19 QUASE VIDA

Ainda pior que a convicção do não é a incerteza do talvez é a
desilusão de um quase.

É o quase que me incomoda, que me entristece, que me mata
trazendo tudo que poderia ter sido e não foi.

Quem quase ganhou ainda joga, quem quase passou ainda estuda,
quem quase morreu está vivo, quem quase amou não amou.

Basta pensar nas oportunidades que escaparam pelos dedos, nas
chances que se perdem por medo, nas ideias que nunca sairão do
papel por essa maldita mania de viver no outono.

Pergunto-me, às vezes, o que nos leva a escolher uma vida morna;
ou melhor não me pergunto, contesto.

A resposta eu sei de cor, está estampada na distância e frieza dos
sorrisos, na frouxidão dos abraços, na indiferença dos "Bom dia",
quase que sussurrados.

Sobra covardia e falta coragem até pra ser feliz.

A paixão queima, o amor enlouquece, o desejo trai.

Talvez esses fossem bons motivos para decidir entre a alegria e a
dor, sentir o nada, mas não são.

Se a virtude estivesse mesmo no meio termo, o mar não teria ondas,
os dias seriam nublados e o arco-íris em tons de cinza.

O nada não ilumina, não inspira, não aflige nem acalma, apenas
amplia o vazio que cada um traz dentro de si.

Não é que fé mova montanhas, nem que todas as estrelas estejam ao
alcance, para as coisas que não podem ser mudadas resta-nos
somente paciência porem preferir a derrota prévia à dúvida da vitória
é desperdiçar a oportunidade de merecer.

Prós erros há perdão; pró fracassos, chance; pró amores
impossíveis, tempo.

De nada adianta cercar um coração vazio ou economizar alma.

Um romance cujo fim é instantâneo ou indolor não é romance.

Não deixe que a saudade sufoque, que a rotina acomode, que o medo
impeça de tentar.
Desconfie do destino e acredite em você.

Gaste mais horas realizando que sonhando, fazendo que
planejando, vivendo que
esperando porque, embora quem quase morre esteja vivo,
quem quase vive já morreu.

Fim

(Autor: Fernando Pessoa)

Lições de Vida

Autor: Diversos Autores

EDITORA DIGITAL
"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico
Belson Pedro Raimundo Hossi



Todos os direitos desta obra reservados a
Diversos Autores

Este E-book está protegido por
Leis de direitos autorais na "**CPLP**" "**SADC**" e "**PALOP**"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

"PALOP" PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA

Esta obra está sob uma *Licença Commons*.
Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que
Seja dado crédito aos autores originais -

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade
Pelos textos, músicas e imagens
É exclusivamente do Autor.

